

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER: INTERVENÇÕES DO ASSISTENTE SOCIAL

Elaine de Oliveira Silva Almeida¹
Tamara Nomura Nozawa²
Valderes Maria ROMERA³

RESUMO: A mulher tem conseguido ganhar cada vez mais espaço na sociedade, entretanto a violência intrafamiliar contra a mulher é um fenômeno presente e ocorre em todas as classes sociais. Essa violência é fruto de uma relação de poder e submissão que envolve valores culturais. Uma das mais recentes conquistas pelas mulheres nessa área é a lei Maria da Penha que contém medidas especiais em caso de violência contra a mulher, porém ainda faltam diversas articulações para que seu direito seja efetivado. O atendimento à mulher vítima de violência exige um olhar crítico, muitas não conseguem romper esta situação. Este texto aborda as principais causas da agressão e, também o papel do assistente social frente a essa demanda

Palavras-chave: violência intrafamiliar. mulher vitimizada. Serviço Social

1 A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER

As mulheres estão sujeitas a violência intrafamiliar provocada pelos maridos ou parceiros, devido principalmente a questões culturais de gênero.

¹ Discente do 2º ano de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: elaine-almeida@unitoledo.br

² Discente do 2º ano de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: tamaranozawa@unitoledo.br

³ Docente do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Mestre em Políticas sociais e serviço social pela Universidade Estadual de Londrina. e-mail:valderes@unitoledo.br. Orientadora do trabalho.

Em muitas sociedades a mulher foi, e ainda é considerada um ser inferior ao homem, seu papel era o de procriar, sem direito de estudar, opinar em assuntos que não sejam estritos ao lar e aos filhos, trabalhar e de escolher seus parceiros, a traição ou suspeita dela resulta em punições severas que podem ir até ao homicídio.

No mundo ocidental, principalmente, a partir do século XX a mulher começa a conquistar maior espaço na vida social, em parte pelos valores da sociedade moderna que forja os princípios burgueses da vida privada e nele a domesticidade da mulher, elevando a maternidade e o lar ao “sagrado”, ao mesmo tempo fortalece as individualidades e as expressões de liberdade abrindo caminho para as problematizações e manifestações dessa condição submissa da mulher, tanto no âmbito da vida familiar como na vida social.

Com o desenvolvimento do mundo industrializado, no modo de produção capitalista, as mulheres e as crianças compunham a parcela dos trabalhadores que significava, dentro do quadro de exploração do trabalho, a mão de obra barata e sempre em cargos e funções inferiores aos homens. Essa posição da mulher no mundo do trabalho, era problematizada por dentro dos movimentos dos trabalhadores junto aos sindicatos, mas é só com a deflagração do Movimento Feminista, que as mulheres conseguem visibilidade para suas causas e galgando mais espaços na sociedade. O movimento de mulheres impôs à sociedade o necessário debate sobre a condição das mulheres e a desmistificação da imortalidade do casamento.

Desde os primórdios do feminismo, uma das causas desse movimento foi a violência doméstica sofrida pelas mulheres. Foi um dos grandes incentivadores para que as mulheres agredidas viessem a denunciar seus agressores, propôs reflexões questionando a razão das mulheres terem que se submeter aos homens apanhando caladas. Desenvolveu pesquisas e atuou na contra o preconceito e a discriminação de gênero, tendo como um dos resultados a criação de alguns órgãos especializados na questão da violência contra a mulher.

Há que se considerar, a dificuldade dessas mulheres em fazer a ruptura com o ciclo de violência, mesmo aquelas que chegam a denunciar seus agressores, pois a submissão, os valores de indissolubilidade do casamento e da preservação da estrutura familiar e a dificuldade na manutenção econômica de sua

própria e vida e a de seus filhos são fatores determinantes na perduração desse ciclo. A maioria das mulheres que sofrem violência intrafamiliar permanece calada durante muitos anos e geralmente nem chega a ser denunciá-la.

Normalmente, a mulher é agredida por não concordar em algum aspecto com seu parceiro, em vestir ou portar-se de maneira que não o agrada, pelo ciúmes excessivo, pelo uso de substâncias químicas pelo agressor, entre outros fatores que se combinam de ordem cultural, social e psicológicos. Pode-se dizer, todavia que o principal determinante, da violência intrafamiliar contra a mulher é o cultural, pois uma parcela da sociedade a concebe de forma naturalizada, isto é correto que a mulher seja subordinada ao homem. Enquanto que na relação da criança com o adulto, a criança deve fazer o que o adulto manda, aqui a mulher deve fazer o que o homem manda. Muitas vezes ela ocorre junto com a violência contra a criança, mãe e filho são subordinados ao homem, o homem é o poder máximo da casa.

O machismo ainda predomina o pensamento da sociedade. Mesmo que velado, em muitas situações do cotidiano não se percebe os valores que são veiculados, mas ao refletir um pouco mais se depara como essa relação desigual está inserida dentro de cada indivíduo pela qual, inconscientemente, estabelecesse uma relação assimétrica entre homens e mulheres desde a infância. A menina é tratada como a bonequinha de porcelana, a princesinha, o ideal é que seja delicada, meiga e cordata, enquanto que o menino, não pode chorar, tem que ser corajoso e forte.

Esse imaginário adentra-se no período da adolescência, a mocinha deve comportar-se e nem todos os lugares sociais são adequados para sua presença, deve cuidar de sua aparência, ser bonita e sedutora, entretanto passiva. Ao adolescente atribui-se a importância de uma vida sexualmente ativa, inclusive para evitarem suspeitas de homossexualidade e não se privar de freqüentar a vida noturna. Os valores de valentia, força e independência são potencializados.

Neste imaginário social a mulher desde a juventude deseja o homem forte, bonito, valente a ponto de brigar por ela, de defendê-la de outros homens; o homem, por sua vez, busca a mulher doce, delicada, que lhe agrade, inclusive lhe sirva em tudo.

Há uma solidificação de relações desiguais, que futuramente, podem ter conseqüências negativas, O homem e a própria mulher transmitem valores diferenciados para as gerações futuras reproduzindo uma sociedade desigual na qual a mulher fica em posição de inferioridade e sujeitando a agressões físicas e ou psicológicas por não corresponder às expectativas de seu parceiro. Não se quer aqui, inferir que a família é a criadora desses valores desiguais o que seria uma visão reducionista de um problema tão complexo, mas de frisar que a família o reproduz essa desigualdade presente na cultura, mas pode ser ela também a fazer a ruptura desses princípios. na construção de relações harmoniosas entre os gêneros masculino e feminino.

A violência intrafamiliar contra mulher pode se apresentar em três tipos: física, psicológica e sexual.

A violência física se caracteriza por qualquer ação que ocasiona alguma lesão física na vítima, pode ser empurrões, socos, tapas, chutes, uso de armas de fogo, facas, estiletes.

A violência psicológica é utilizada para coagir a vítima, são ameaças de morte, humilhar a vítima na frente dos outros, xingá-la, dizer que irá prejudicar os filhos como forma de chantear a vítima, diminuir sua auto-estima, chamando-a de feia, gorda, de ser a culpada por aquilo que está acontecendo, não permitir que saia de casa sem ele, de se encontrar com amigos, parentes, etc.

A violência sexual se apresenta quando o agressor força a vítima a ter relações sexuais com ele sem sua vontade, obrigá-la a ter relações com outras pessoas, ou ainda forçar a presença da mesma enquanto o agressor faz sexo com outra pessoa, entre outras formas de abuso.

A violência intrafamiliar contra a mulher seja ela física, psicológica ou social é caracterizada por um poder assimétrico de gênero e em todas as classes sociais, apresenta-se com mais visibilidade mais nas classes menos favorecidas onde há menor interesse social e econômico na manutenção dos casamentos e no *status quo* da família. A própria vida privada é mais vulnerável, devido as relações de vizinhanças e a estrutura física das residências 'menos protegida' aos ouvidos externos, que aquelas dos bairros de moradores economicamente mais abastados.

De uma forma geral os estudos sobre essa área apontam com os principais motivos que levam as mulheres a conviver com essa violência são: a dependência financeira quando o marido é o provedor; os familiares da vítima são contra a saída dela da casa, negligenciam ajuda e ela acaba por não ter onde ir, inclui aqui o fato de não desmoronar a sagrada família, os filhos devem ser criados pelos seus pais e mães, apesar dos novos padrões de família, ainda é forte a ideologia da família feliz, na qual marido e mulher se amam e amam seus filhos, é mais correto manter o casamento; a vergonha que a mulher sente daquela situação, já que a violência destrói toda sua auto-estima, liberdade e segurança de si mesmo, então se sente humilhada por aquilo e não quer que outras pessoas saibam; o medo e as ameaças do agressor, pois a mulher também teme que ao denunciar, seu agressor fique com mais raiva e agrida ainda mais; a preservação dos filhos, ante a exposição pública dessa violência, pois ela teme que o agressor vá para a prisão, e isso cause constrangimentos sociais aos filhos.

O dito popular “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” acaba por dificultar as denúncias por vizinhos, parentes e amigos, a casa é um abrigo inviolável e ninguém tem o direito de se intrometer na intimidade do casal. A violência é tão naturalizada de forma que as pessoas acreditam que seja uma crise do casal e que briguinhas são normais. Porém quando se tornam mais agressivas, muitos não tem suporte para ajudar a vítima, estigmatizam a mulher, dizendo que é ela que gosta de sofrer, de apanhar, que ela é vagabunda e por isso está naquela situação. Muitas das pessoas, por temerem as atitudes do vitimizador, abandona a vítima, que sem ter por onde correr, acaba por suportar todo o tipo de violência.

A violência intrafamiliar contra a mulher ocorre em ciclos. Num primeiro momento, ocorre a descontentação do parceiro, em algo que às vezes é fantasioso, por exemplo, achar que a mulher sai com outros homens. O agressor ameaça a vítima de diversas maneiras, para que ela fique com medo e pare de fazer aquilo. É uma fase cheia de briguinhas, discussões, ameaças. Num segundo momento, o parceiro não obtendo a resposta desejada, parte para a agressão física da mulher, começa com pequenos empurrões, segurar a mulher com agressividade e depois ações mais brutas, como dar socos, chutes, bater com pedaços de pau, ferro, entre outros. Neste momento, a mulher socorre-se na casa de uma amiga, da mãe, de algum conhecido e começa a fase da reconciliação, o homem pede perdão à mulher,

é carinhoso, gentil, prestativo, faz-se parecer que ele mudou, então a mulher volta para a casa com a esperança de que tudo aquilo foi só uma fase passageira e então após alguns dias, todo o ciclo tende a se repetir.

Segundo Saffioti (2005, p.58)

O poder do macho o induz a ser violento e mais violência é necessária para preservar este poder sempre que ele sofre qualquer ameaça. Não importa que a ameaça seja concreta ou que ela exista apenas na fantasia do macho. Sempre que este se sentir ameaçado, poderá legitimamente, conforme a ideologia machista, fazer o uso de força física.

Ao conviver com a violência, a mulher tem toda a sua vida restrita, sente-se ameaçada, não possui sua emancipação, pode desenvolver ansiedade, síndromes, sente-se fragilizada, humilhada, sem auto-estima, sente-se fracassada, culpada por toda aquela situação, sente-se inferior, não tem perspectivas e dominada não consegue ter forças para proteger seus filhos, calando-se quando eles também são agredidos.

2 AS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DESSE FENÔMENO PELO SERVIÇO SOCIAL

A violência intrafamiliar contra a mulher é um processo complexo, envolve um série de valores e conceitos e é um tema pouco discutido na mídia e atinge toda a sociedade. Com base nos dados do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, os gastos com a violência doméstica varia de 1,6% a 2% do PIB de um país, um em cada cinco dias de trabalho no mundo é ocasionado devido à violência doméstica e a cada cinco anos, a mulher perde um ano de vida saudável por causa da violência que sofre.

É uma violência que retira a liberdade do indivíduo, passando a ter uma vida passiva, sem poder de decisões, ou fazer questionamentos, uma vida submissa ao outro é um crime.

A sociedade tem criado alguns mecanismos de enfrentamento á essa questão e na última década podemos citar as discussão e elaboração de planos para a extinção da violência contra a mulher internacional promovida pela ONU – Organização das Nações Unidas tais como: a Convenção de Belém do Pará, no

Brasil (1994), cujo tema era Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher que propunha medidas de combate a violência contra a mulher em todos os países da América; a Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim (1995), promovida pela ONU, países participantes, inclusive o Brasil, assinaram a Plataforma de Ação e se responsabilizaram em adotar medidas para a eliminação da violência contra a mulher, dentre elas, prevenir e punir atos de violência, modificar os valores culturais, reeducar os agressores, trabalhar com a discriminação de gênero e preconceito, investir recursos para quaisquer atividade relacionada a violência contra a mulher, ter uma legislação eficiente, entre outras medidas.

Destaque-se ainda, as campanhas de âmbito nacional e internacional, como por exemplo, a campanha Violência contra a mulher: *onde tem violência, todo mundo perde; está em suas mãos: pare a violência contra as mulheres.*

No âmbito das políticas sociais, existem as Delegacias da Mulher (DDM) que atendem apenas mulheres, a Defensoria Pública da Mulher que objetiva orientar juridicamente as mulheres e acompanhar os processos; as Casas de Abrigo que atendem mulheres que sofreram violência e sofrem ameaças de morte, elas são encaminhadas a essas casas, muitas com seus filhos, para se abrigar, essas casas são escondidas, possuem toda uma estruturação, com seguranças para que as mulheres possam ficar mais tranquilas até que resolva toda a situação; o disque denúncia, qualquer pessoa pode fazer a denúncia, tanto a mulher como os vizinhos, amigos, conhecidos da vítima e não precisa ser identificado; os Centros de Referência da Mulher- CRAM, entre outros serviços e ações.

Há ainda uma série de Organizações não Governamentais que atuam com a questão da violência intrafamiliar cometidas contra as mulheres.

Diante desses apontamentos podemos afirmar que apesar do esforço estas ações não existem em quantidades suficientes e não proporcionam uma cobertura necessária. Destaca-se ainda na área da qualificação dos serviços, faltam profissionais da área de Serviço Social e psicologia, especialmente nas Delegacias Especializadas .

O assistente social pode ser um agente de combate, atuando na prevenção e também na eliminação dela. É um trabalho árduo, já que as mulheres

que procuram o profissional não conseguem fazer a ruptura e precisam de uma ajuda que exige paciência e muita compreensão. Muitas separam de seu agressor e depois de um tempo voltam com ele e estão novamente procurando ajuda.

Os serviços que atuam junto a mulheres que sofrem violência doméstica devem trabalhar não só com a mulher, mas também com seu agressor, refletindo com eles sobre os principais determinantes que levam a violência intrafamiliar, para eles possam modificar as relações de dominação/subordinação; desrespeito/respeito; egoísmo/solidariedade; desigualdade/igualdade; ausência de dialogo/ dialogo; dependência financeira/independência financeira e também trabalhando com a autonomia, emancipação e auto-estima da mulher.

Segundo Barbosa, em um depoimento ao site Portal da Violência Contra a Mulher, que participa do programa pró-mulher e participa de oficinas com homens que agredem mulheres,

Estamos percebendo que *ser homem* também não é muito fácil, porque nos pautamos por um modelo preestabelecido. Desfazer esse modelo é, ao mesmo tempo, abrir mão de certos privilégios. Só que esses privilégios não são tão privilégios assim. Ter o poder acaba nos vitimizandando também.

Recentemente, a Secretaria de Política para Mulheres, junto com o Ministério Público, o poder judiciário, 13 ministérios, estados e municípios discutiram a atuação junto com o agressor como medida de reeducação e como uma pena alternativa, já que muitas mulheres querem que o homem volte a ser carinhoso e faça parte de sua família. Em Nova Iguaçu (RJ), segundo a matéria do jornal Estado de São Paulo, retirada no Portal da Violência Contra a Mulher, já foi implantado esse projeto, e a partir de 2009, o governo pretende a implantação desse projeto em todas as capitais brasileiras. A prisão do agressor não é uma forma de ter a ruptura, mas ao ser preso, o agressor pode sentir mais raiva da vítima, e a reeducação, poderá sim acabar com a violência. Não que todos os homens irá parar de bater em suas esposas com essa medida, mas uma grande parte poderá ter seus valores modificados.

Em todos os campos de trabalho onde o assistente social atua ele pode desenvolver um trabalho junto às mulheres, aos homens, aos jovens, às crianças e adolescentes que possa tanto esclarecer, orientar e possibilitar a reflexão sobre essa

questão, como atuar no sentido de formação de valores mais igualitários e harmoniosos entre as pessoas, sejam ela de um gênero ou de outro.

3 CONCLUSÃO

Concluimos que a violência intrafamiliar tem um caráter cultural no âmbito do gênero, no qual valores subjetivos e objetivos se entrelaçam e tornam-se naturalizados, colocando a mulher como submissa ao homem e muitas vezes culpabilizando-a pela situação. É uma relação assimétrica de poder.

É um tema complexo, pois ocorre dentro das famílias que é uma instituição privada, sendo pouco exposto, e os vitimizados sentem medo ou vergonha em denunciar.

Essa violência tem como consequência a destruição da auto-estima, da segurança, da liberdade, da emancipação, causando diversos traumas psicológicos e físicos e podem ocorrer conjuntamente, o homem agredir tanto sua parceira quanto seus filhos, numa relação de autoritarismo.

Apesar dos avanços obtidos, no aspecto legal e principalmente das organizações e serviços de proteção social às mulheres vitimizadas ainda falta ampliar a rede de apoio, tanto na questão da cobertura quanto nas diferentes formas de atenção.

O assistente social deve trabalhar com essas redes, articulando a partir do seu espaço de trabalho, tanto no aspecto de intervenção às situações de violência intrafamiliar como no aspecto de prevenção e formação de novos valores sociais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, M. A. **Crianças vitimizadas**: a síndrome de o pequeno poder. 2ed. São Paulo: Iglu, 2000.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE; SECRETÁRIA DE POLÍTICAS DE SAÚDE. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

MELO, M. DE.; TELES, M. A. DE. A. **O que é violência contra mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Portal da violência contra a mulher. Disponível em:
http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/capa_portal.shtml. Acesso em: 14/06/2008.

MENDES, V. **Centros atenderão marido agressor**. In Portal da violência contra a mulher. Disponível em: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/noticias.shtml?x=1084>. Acesso em: 14/08/2008.

BARBOSA, S. **Quem diz e o que se diz**. In Portal da violência contra a mulher. Disponível em: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/noticias.shtml?x=94>. Acesso em 14/06/2008.

SILVA, E. **Lei rende 670 inquéritos em PP**. Jornal O imparcial. Presidente Prudente, 15 jun. 2008. Cidades, Caderno B. p.1.